

## TODO PERERÊ

Pererê é o único duende do folclore brasileiro. Trata-se de um negrinho mágico, de uma perna só, que vive em um bosque como protetor dos animais e dos caçadores. Inquieto e espirituoso, Pererê se encanta em fazer travessura pelo bosque: esconde objetos, embaraça a crina dos cavalos, azeda o leite... Senhor dos ventos, Pererê caminha pelo bosque conduzido apenas por um redemoinho mágico.

Pererê é o símbolo da nacionalidade brasileira, já que sua lenda foi construída pelas três etnias que fizeram nossa história: o índio, o negro e o europeu.

Publicado durante cinco anos da década de 60, o *Pererê* de Ziraldo se transformou em uma criança que, embora fosse normal, possuía todos os poderes mágicos de um duende. Passou a ser o chefe de um grupo de amigos, formado por um índio, uma pantera, um coelho, uma tartaruga, um tatu, um macaco e uma coruja, figuras inaugurais do folclore brasileiro.

*Pererê* foi a primeira revista totalmente brasileira e até hoje faz parte, com seus personagens, do inconsciente coletivo nacional.

Ler todo *Pererê* é uma forma de ter contato com o mundo generoso, ingênuo, em que há lugar para o mal, é claro, mas no qual existem pessoas (ou seres, já que a maior parte dos personagens é composta por animais) capazes de coisas hoje em dia muito raras, como a solidariedade, a união e a sensibilidade.

Editora Moderna

## As escritas do eu na era da *internet*

Cláudia Antunes\*

Entre as formas mais comuns de escrita pessoal – também denominadas narrativas do eu – estão as cartas, a autobiografia e o diário íntimo. Esse tipo de discurso pode se manifestar também em auto-retratos, confissões religiosas, depoimentos de guerra, anotações pessoais e testemunhos oficiais, entre outros.

Centrada no sujeito, a literatura confessional desperta o interesse porque está ligada a uma pessoa viva que se desnuda diante de si mesmo e dos outros, aproximando vivências. Pela narrativa, o homem é capaz de descrever acontecimentos, recuar ao passado, explicar o presente e avançar no futuro. Pode, até mesmo, mentir ou se contradizer ao longo do discurso, pois, por estar ligada à interioridade do sujeito, a lógica linear dos acontecimentos não precisa ser seguida.

O ato de falar de si mesmo não é matéria recente. Georges Gusdorf<sup>1</sup> salienta a antiguidade do gênero, encontrado em exemplos anteriores à era cristã, passando pela Idade Média, Renascença, Romantismo até chegar aos dias atuais. No entanto, existem dificuldades em definir os limites do texto autobiográfico. Philippe Lejeune<sup>2</sup> propõe um sistema de categorização dos tipos de escrita do eu, fundamentado na relação autor-leitor e no reconhecimento da identidade entre autor, narrador e personagem. Para isso, defende a idéia de “pacto autobiográfico”, espécie de contrato entre autor e leitor, no qual o segundo compreende a condição real ou fictícia da narrativa.

\* Cláudia Rejane Dornelles Antunes é doutoranda em Letras na PUCRS, na área de Teoria da Literatura.

<sup>1</sup> GUSDORF, Georges. *Les écritures du moi*. Paris: Odile Jacob, 1991. (Lignes de Vie 1)

<sup>2</sup> LEJEUNE, Philippe. El pacto autobiográfico. *Suplementos Anthropolos*, n. 29, Barcelona, p. 47-61, dic. 1991.

No caso da autobiografia, o pacto se instaura por meio do título da obra e do nome do autor na capa ou nas páginas iniciais. Essas indicações são fundamentais para caracterizar a situação do autor (remetendo, ou não, o nome a uma pessoa real) e a posição do narrador (identidade do narrador com a personagem). O contrato se estabelece quando o leitor percebe a identidade entre autor e narrador, entendendo a natureza do relato.

Na ficção autobiográfica, ao contrário, não há coincidência entre o narrador-personagem e o autor, firmando dessa maneira a constatação de que se trata de um texto ficcional. Quando, por sua vez, não há referência de nome, o resultado é zero, impossibilitando qualquer pacto entre autor e leitor.

No entanto, há situações em que a identidade de nome entre autor, narrador e personagem é confusa. Isso pode se dar pelo uso de pseudônimos, pela situação de anonimato ou pelo jogo dos nomes do narrador e do autor, confundindo as instâncias reais e fictícias da narrativa. Essa ambigüidade gera uma incapacidade de definir o texto como autobiografia ou romance autobiográfico, levando o leitor a procurar elementos que comprovem ou recusem a identidade entre o autor (sujeito histórico) e o narrador (sujeito ficcional).

Se o nome é condição essencial na autobiografia – pressupondo a condição de verdade no pacto de leitura – no diário esse contrato não existe. Contudo, apesar de tratar-se de uma escrita privada, o diário também conta com a figura do leitor, seja ele o próprio autor, um leitor idealizado – imaginado no ato de escrita – ou ainda, um ou vários leitores em potencial.

Béatrice Didier<sup>3</sup> caracteriza essa situação de ausência-presença do leitor do diário a partir do simples receio do autor no momento da escrita. A autora configura essa situação como um jogo de espelhos duplos: o eu que escreve; o eu que vê os futuros leitores que olham o que foi escrito e o eu que finge ignorar que será lido, mas sempre supõe que ele o lerá. Esse jogo, na visão da autora, funciona como um estímulo da escrita.

Mesmo escrevendo para si próprio o sujeito que lê não é mais o mesmo que escreveu. Apesar de se destinar a outra pessoa, também as cartas registram os vários momentos do eu. Nelas estão presentes a imagem de si mesmo, suposta pelo redator, e a imagem de si mesmo que ele quer passar ao destinatário. Gusdorf explica que o encontro com o outro atua como uma provocação,

revelando a consciência de si. A diferença entre o redator da carta e o do diário é a condição real ou virtual da presença do leitor.

O ato de rememorar é sempre seletivo e fragmentário. Lembramos certas coisas e omitimos outras tantas, intencionalmente ou não. O registro no diário íntimo, por exemplo, não está associado à continuidade de tempo ou assunto. Nesse tipo de documento a escrita é aberta e instantânea, contendo lacunas de tempo e tratando de assuntos que podem estar associados ao cotidiano ou a fatos passados, dispostos em relatos descontínuos.

Em geral, a autobiografia está ligada a uma consciência madura e ao signo da totalidade, situação que pressupõe um desejo de afirmação do eu. Por seu turno, a escrita do diário corresponde a períodos de incerteza e dúvidas, ligadas à juventude ou a períodos de conflitos interiores.

De qualquer forma, o ato de projetar sobre o papel o testemunho de si mesmo desperta um encantamento no leitor, pela potencialidade que esse tipo de documento tem de preservar algo essencialmente humano, manifestando sentimentos íntimos e experiências individuais, capazes de representar uma época ou uma sociedade. Não importa se aquele que escreve é uma pessoa ilustre ou um simples desconhecido. A exposição de testemunhos de vida, quando bem contada, torna-se digna de interesse.

Nos dias atuais, a publicação de diários íntimos, memórias, cartas e confissões é cada vez mais frequente. Do mesmo modo, a invasão de privacidade realizada pelos “reality shows” com a superexposição do cotidiano das pessoas tornou-se objeto de consumo corrente. A televisão e a *internet* aumentam cada vez mais as doses de realidade dos programas. A curiosidade e a identificação com o outro aproxima os leitores ou espectadores desse tipo de abordagem intensa.

Apesar de buscar encontrar os possíveis herdeiros da literatura confessional, Georges Gusdorf acredita que esse tipo de escrita se encaminha para o final. Para ele, as inovações tecnológicas, marcadas pelo grande avanço dos meios de comunicação, entraram em choque com a essência das informações que estão encarregadas de transmitir. O teórico acredita que é o fim da era da escrita, caracterizada pela presença do manuscrito e do impresso.

A rapidez da imagem e do som permite vencer a distância com facilidade e velocidade instantâneas, provocando uma perturbação na intimidade do ser humano. A invasão de ruídos e imagens supera toda e qualquer resistência possível, violando o espaço interior.

<sup>3</sup> DIDIER, Béatrice. Le lecteur du journal intime. In: PICARD, M. (Ed.). *La lecture littéraire*. Éditions Clancier-Guénaut, 1987. p. 229-255.

Apesar de reconhecer o aumento dos recursos oferecidos à humanidade, por meio das novas possibilidades de comunicação, Gusdorf salienta que a proliferação desses meios teve como contrapartida o empobrecimento do que se quer comunicar. Dessa forma, a intimidade do ser corre o risco de se diluir diante da abundância da comunicação, situação em que “não há mais possibilidade de falar, não há mais nada a dizer”.

Como exemplos dessa condição, o teórico observa o desaparecimento da correspondência, substituída pelo telefone. Assim, a literatura epistolar – “tesouro da humanidade, reveladora da intimidade profunda dos seres” – tende a sucumbir. O telefone, fruto da instantaneidade da comunicação, tornou inútil o trabalho da escrita, fazendo com que a reflexão imposta pelo esforço de escrever esteja perdida.

No entanto, nem tudo está perdido. Gusdorf compensa o déficit epistolar pelo uso do gravador – capaz de concretizar o relevo humano do testemunho – tornando-se, nesse aspecto, superior às cartas. Do mesmo modo, preconiza o surgimento de um novo gênero de literatura do eu, introduzido pela técnica da entrevista. Assim, as reportagens, mediadas por um profissional, são capazes de conservar e ampliar a memória cultural com maior alcance e velocidade. O mesmo ocorre com o cinema, o rádio e a televisão.

Se tais avanços aumentam a possibilidade de os relatos de vida não se perderem, a contrapartida, para o autor, é a invasão do espaço interior do sujeito, onde não há mais condição de se calar. O exibicionismo e a curiosidade, cada vez mais frequentes, inseriram na sociedade a idéia de que não há mais nada a esconder. Nesse sentido, Gusdorf acredita que a história da humanidade e da cultura estaria entrando em uma nova era, em que a escrita não teria mais lugar, nem o eu.

Em resposta ao tom melancólico do discurso do autor, poderíamos contrapor algumas formas de escritas pessoais desenvolvidas a partir da evolução da *internet*. Mesmo correndo o risco de aparentar certo deslumbramento com a tecnologia, nos parece que a narrativa de testemunho está longe de acabar. No lugar das cartas, temos a correspondência eletrônica (e-mails); em substituição aos diários íntimos, surgem os diários virtuais (*blogs*); em vez de autobiografias, temos as páginas pessoais (*web sites*). Do mesmo modo, existem as salas de bate-papo (*chats*), os grupos de discussão e os espaços de amigos virtuais.

É claro que nada substitui a presença real, a conversa olho no olho, pois a máquina é a mediadora do novo processo comunicativo. Entretanto, existem formas diferentes de comunicação sendo

estabelecidas e, ao contrário do que se pensava, a escrita e a leitura ocupam papel de destaque nos meios eletrônicos. Ao lado da cobertura jornalística em tempo real, os internautas têm a possibilidade de enviar seus comentários, sugerir novos assuntos e remeter a reportagem, numa fração de segundos, a um amigo do outro lado do mundo.

Assim, aumenta a participação dos leitores-usuários, espaço que antes ficava restrito às margens da página impressa ou à aceitação dos órgãos oficiais. Do mesmo modo, a instantaneidade das informações e a garantia de retransmissão dos dados, ocasiona a formação de comunidades virtuais, espécie de confrarias unidas em torno de um tema em comum. Em decorrência dessa facilidade, as fronteiras geográficas são rompidas e pessoas de diferentes locais e perfis podem manter-se em contato.

A experiência dos diários virtuais é bastante reveladora nesse sentido.<sup>4</sup> As confissões digitais fazem sucesso entre os internautas atraindo os usuários pela facilidade do uso e a liberdade de expressar as opiniões. O termo *blog* é a abreviação de *weblog*, do inglês (*web* significa rede, e *log* quer dizer diário de bordo). Na prática, é a versão eletrônica dos antigos diários íntimos. O fenômeno começou em 1998 nos Estados Unidos. Em setembro do ano seguinte, dois amigos criaram um *site* para diários eletrônicos. Em pouco mais de um ano, 75 mil páginas pessoais estavam armazenadas no *site*, que é considerado o mais conhecido para hospedagem de *blogs*.<sup>5</sup>

No Brasil, desde 2001, esse tipo de espaço vem conquistando os internautas, atingindo, no primeiro ano, a participação de quase 40 mil pessoas em apenas um *site* (desembucha.com). Hoje, os diários virtuais têm mais de um milhão de adeptos nos Estados Unidos, meio milhão ao redor do mundo e 60 mil de usuários brasileiros.

A idéia básica desse tipo de escrita permanece a mesma – são comentários do cotidiano, desabafos pessoais, críticas à sociedade e revelações de estado de espírito. Contudo, há uma diferença fundamental. As confissões, antes escondidas dos olhares alheios, agora estão escancaradas na *internet*. Qualquer pessoa pode entrar na página e registrar seus comentários, conselhos e críticas.

Dessa forma, a invasão da vida privada é compensada pelo aumento de interatividade. Além da perda de privacidade consentida, outra característica é a indicação, pelos visitantes, de outros

<sup>4</sup> VEJA ON-LINE. *A mania do blog*. 21 jul. 2001. [www.vejaonline.com.br](http://www.vejaonline.com.br).  
<sup>5</sup> <http://www.blogger.com>.

diários, numa constante troca de informações formando uma comunidade virtual. A criação das páginas é facilitada ao usuário a partir dos próprios sites de hospedagem que disponibilizam ferramentas para construção. Assim, além dos recursos disponíveis nos diários manuscritos – como colocar fotos e diversos tipos de textos – é possível inserir arquivos de som e de vídeo.

O perfil desse tipo de usuário varia. No entanto, a observação das páginas permite chegar a algumas conclusões: a maioria é jovem, gosta de opinar e participar de discussões e utiliza a internet com frequência. A linguagem é descompromissada e espontânea. Tanto o público masculino quanto o feminino utilizam esse recurso, mas variam entre os temas abordados. As mulheres são mais intimistas e os homens preferem tratar de assuntos impessoais, como música, futebol e cinema. Dessa maneira, a pouca preocupação com a privacidade tem como contrapartida enfoques mais abrangentes.

No entanto, apesar de a maioria dos usuários serem jovens, profissionais de diversas áreas estão utilizando esse meio para inserir suas opiniões, apresentar seu currículo profissional e se relacionar com as pessoas. Nesse sentido, diversos blogs apresentam notícias e fórum de discussões, além de “furos de reportagem”, divulgados antes da mídia convencional.

Alguns diários eletrônicos destacam-se pela criatividade e pela alta qualidade gráfica, recebendo até prêmios na internet. É o caso do blog “O mundo de Cecília”,<sup>6</sup> mantido por uma professora gaúcha de 29 anos, cujo design lembra antigos cadernos de anotações. Outro exemplo é “Mundo perfeito”,<sup>7</sup> site que pela criatividade e qualidade gráfica rendeu à autora a publicação de um livro. Nesse diário as notícias são fictícias, o clima está sempre bom e o horóscopo é favorável a todos os signos. A maioria dos diários, entretanto, segue o esquema tradicional: relatos de vida, narrativa de memórias e desabafo de emoções.

O papel do leitor também muda com os novos tipos de escritas do eu. No lado oposto da situação do diário convencional, o leitor não pode mais ser ignorado. Na nova literatura confessional a figura do leitor é aumentada e a sua participação é alvo do desejo dos autores eletrônicos.

Os avanços nas tecnologias de comunicação proporcionaram o desenvolvimento de novos suportes como o gravador, as máquinas fotográficas e de vídeo digitais, o computador, o vídeo-fone,

etc. – capazes de modificar a relação das pessoas com a informação. Assim, a entrevista televisiva, a gravação de testemunhos, as histórias cinematográficas e as escritas na internet constituem novas possibilidades de expressão do gênero confessional, garantindo, como queria Gusdorf, a preservação dos relatos de vida.

## Referências

- BAKHTIN, Mikhail. Biografia e autobiografia antigas. In: *Questões de literatura e estética* (A teoria do romance). São Paulo: UNESP/HUCITEC, 1988. p. 250-262.
- BEAUJOIR, Michel. Autobiographie e autoportrait. *Poétique*, 32, p. 442-458, 1977.
- BRUSS, Elizabeth W. Actos literarios. *Suplementos Anthropos*, n. 29, Barcelona, p. 62-79, dic. 1991.
- DIDIER, Béatrice. Le lecteur du journal intime. In: PICARD, M. (Ed.). *La lecture littéraire*. Éditions Clancier-Guénard, 1987. p. 229-255.
- EDWARD, José. *Diário virtual - Meu querido blog*. *Veja*, n. 1754, p. 88, 5 jun. 2002.
- GUSDORF, Georges. *Les écritures du moi*. Paris: Odile Jacob, 1991. (Lignes de Vie, 1)
- . Condiciones y limites de la autobiografía. *Suplementos Anthropos*, n. 29, Barcelona, p. 9-18, diciembre 1991.
- HÉBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escrituras ordinárias; a escritura pessoal e seus suportes. In: *Ler e escrever: entrando no mundo da escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- LEJEUNE, Philippe. El pacto autobiográfico. *Suplementos Anthropos*, n. 29, Barcelona, p. 47-61, dic. 1991.
- REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel (Org.). *Literatura confessional*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.
- RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como outro*. Trad. Luci Moreira Cesar. Campinas: Papirus, 1991.
- VEJA ON-LINE. *A mania do blog*. 21/07/2001. [www.vejaonline.com.br](http://www.vejaonline.com.br).

<sup>6</sup> <http://www.mundodececilia.weblogger.terra.com.br>.

<sup>7</sup> <http://www.mundoperfeito.terra.com.br>